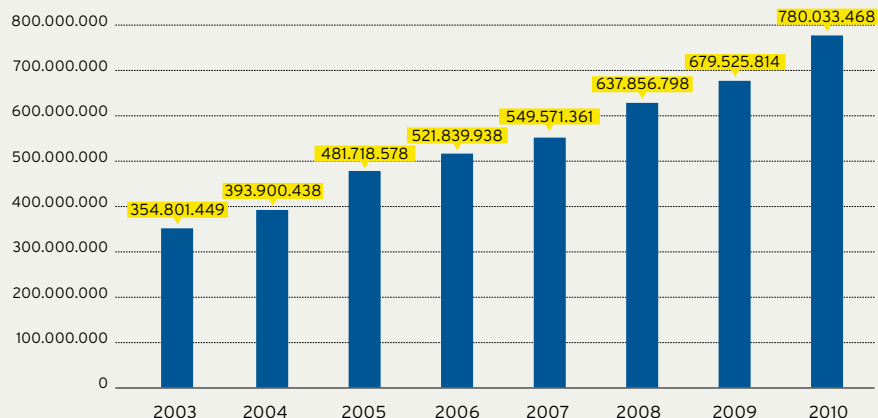


INVESTIMENTO ASCENDENTE

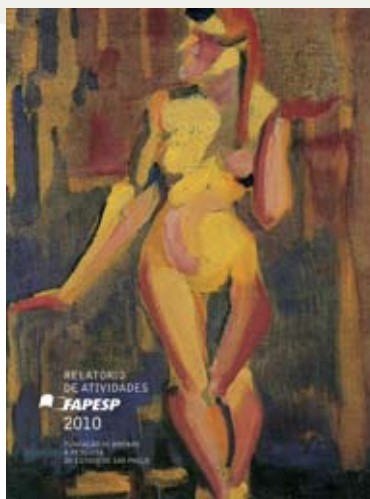
Os recursos desembolsados pela FAPESP no apoio à pesquisa científica e tecnológica aumentaram 14,8% no ano passado em relação a 2009. Com o desembolso de R\$ 780,03 milhões em 2010, a FAPESP mantém a curva ascendente de investimentos, que cresceram 69% na última década. Esses dados fazem parte do *Relatório de atividades FAPESP 2010*, lançado em 14 de setembro juntamente com a abertura da exposição de reproduções de obras da artista plástica Anita Malfatti (1889-1964) que ilustram a publicação. Dois records obtidos pela FAPESP em 2010

foram o número de novos projetos contratados (11.155) e o de bolsas vigentes (10.824). Do total aplicado em pesquisa, 36% foram destinados à formação de recursos humanos, 56% para a pesquisa acadêmica e 8% para pesquisa voltada a aplicações. Na linha de Programas Especiais, que cresceu 29%, destaca-se o desembolso no Programa de Apoio à Infraestrutura de Pesquisa. Os R\$ 63,26 milhões desembolsados em 2010 representam aumento de 63,52%. “Com a inescapável limitação de recursos para atender todas as justas ambições e necessidades da vibrante comunidade científica paulista, faz parte do esforço por sustentabilidade dar a tais recursos a máxima aplicação possível. Por isso, o Programa Equipamentos Multiusuários (EMU) tem tido especial atenção da FAPESP”, disse Celso Lafer, presidente da Fundação no prefácio do *Relatório*. A íntegra está disponível em www.fapesp.br/publicacoes/relat2010_completo.pdf.

Evolução do desembolso da FAPESP de 2003 a 2010, em R\$



FONTE: RELATÓRIO DE ATIVIDADES FAPESP 2010



O Relatório de 2010 é ilustrado com obras de Anita Malfatti

Na área agrícola, o foco das linhas propostas está nas áreas de manejo varietal da cana e desenvolvimento de clones projetados para áreas de fronteira agrícola. “Também há ênfase na agricultura de precisão, automação agrícola e desenvolvimento de novas biomassas de ciclo curto que podem complementar a cana-de-açúcar, aumentando sua competitividade”, disse Carlos Eduardo Calmanovici, diretor do Departamento de Inovação e Tecnologia da ETH. Do lado industrial, o destaque é a área de fermentação. “Interessa-nos o desenvolvimento de tecnologias e abordagens para o aumento da competitividade da fermentação e o aproveitamento de subprodutos”, afirmou.

COOPERAÇÃO EM BIOENERGIA

A FAPESP e a ETH Bioenergia assinaram um acordo de cooperação no dia 26 de setembro. Simultaneamente, foi lançada uma chamada de

propostas aberta a pesquisadores vinculados a instituições de ensino superior e de pesquisa, públicas e privadas, no estado de São Paulo. O total de recursos oferecido para as propostas selecionadas é de R\$ 10 milhões, sendo

R\$ 5 milhões pela FAPESP e R\$ 5 milhões pela ETH. Os projetos deverão ter duração de até 50 meses e as propostas serão recebidas pela FAPESP até o dia 12 de dezembro. Futuramente há previsão de uma segunda chamada.

REDAÇÃO CIENTÍFICA

Um *site* que dá acesso a artigos, dicas e reflexões sobre redação de artigos científicos foi lançado pelo zoólogo Gilson Volpato, autor de sete livros sobre o tema e professor do Instituto de Biociências de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (Unesp). O endereço www.gilsonvolpato.com.br compreende as seções Ciência, Redação Científica, Publicação Científica, Ética e Moral na Ciência, Sociedade, Administração e Educação. Em cada uma delas há uma lista de livros relacionados ao assunto, artigos, uma série de *links* para textos externos – com comentários o autor – além de dicas. Também haverá acesso às aulas *on-line* do curso Bases Teóricas para Redação Científica, apresentado por Volpato na Unesp. “Por enquanto há 19 aulas disponíveis, mas todo o material já foi gravado. Em breve todas as 44 aulas estarão no ar”, disse o professor à Agência FAPESP.



GOVERNO DO AMAZONAS

Sistema vai monitorar degradação da floresta

O FUTURO DA AMAZÔNIA

Pesquisadores de 14 instituições europeias e sul-americanas estão engajados num programa que busca antever o que acontecerá com a Amazônia nas próximas décadas. Trata-se do Amazalert, liderado pelos climatologistas Bart Kruijt, da Universidade de Wageningen (WUR), Países Baixos, e Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que também é membro da coordenação do Programa FAPESP de Pesquisa sobre

Mudanças Climáticas Globais. A equipe vai reunir informações disponíveis em trabalhos anteriores sobre clima regional, desflorestamento, sensibilidade das florestas e ciclo da água, e

desenvolver um sistema que detecte sinais de degradação de grandes dimensões na floresta. Dentro de três anos, o programa deverá fornecer um conjunto de ferramentas para assessorar as tomadas de decisão na gestão futura da região, incluindo formas de monitorar o funcionamento da Amazônia para se evitar mudanças irreversíveis em seus serviços ambientais. O programa tem orçamento de € 4,7 milhões e conta com financiamento do 7º Programa Quadro da União Europeia. Além do Brasil e dos Países Baixos, terá participantes da Alemanha, Áustria, Bélgica, Bolívia, Colômbia, França, Peru e Reino Unido.

MÓDULO SUSTENTÁVEL

Um módulo de pesquisas que o Brasil irá instalar na Antártida está sendo preparado no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Batizado de Criosfera 1, o módulo já recebeu sistemas de energia e equipamentos em São José dos Campos, e em breve seguirá para Porto Alegre, de onde inicia a viagem para a latitude 85°S, a cerca de 500 quilômetros do polo Sul geográfico. Financiado pelo Programa Antártico Brasileiro (Proantar), o módulo será o primeiro do tipo instalado no interior antártico a funcionar 24 horas por dia, sem a necessidade de técnicos acompanhando as operações, pois os dados serão enviados por satélite, e sem a emissão de poluentes – ele é dotado de painéis solares e geradores eólicos. Serão coletados dados meteorológicos, como velocidade dos ventos e temperatura, e realizadas medições da composição química da atmosfera da região. Durante o primeiro ano de funcionamento do módulo, cientistas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Inpe irão investigar as consequências climáticas da redução da camada de ozônio sobre o polo Sul e o transporte atmosférico de poluentes para o ar da região.



Antártida: dados enviados por satélite